

À BEIRA DO ARAGUAIA



Francisco Neto Pereira Pinto

À BEIRA DO ARAGUAIA

MERCADO[®]
LETRAS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A beira do Araguaia / Francisco Neto Pereira Pinto. --
1. ed. -- Campinas, SP : Mercado de Letras, 2021.

ISBN 978-65-86089-76-9

1. Contos brasileiros I. Título.

21-81082

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira B869.3

capa e gerência editorial: Vande Rotta Gomide
preparação dos originais: Editora Mercado de Letras
revisão: José Amilson Rodrigues Vieira (UFT/Araguaína)
bibliotecária: Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Arte da capa

Título da arte: *À beira do Araguaia*

Autor: John Oliveira

Técnica utilizada: Acrílica sobre papel – 42cm x 30cm

Apoio institucional

Programas de Internacionalização
e de Incentivo à publicação, integrantes
da Política de Pesquisa e Extensão do Unitpac.

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

www.mercado-de-letras.com.br

livros@mercado-de-letras.com.br

1ª edição

2 0 2 1

IMPRESSÃO DIGITAL

IMPRESSO NO BRASIL

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.

É proibida sua reprodução parcial ou total
sem a autorização prévia do Editor. O infrator
estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

Dedicatória
À minha musa, amada e
bela esposa Ana Paula;
Ao nosso desejo compartilhado,
há muito querido, nosso filho Théo.

Agradecimentos

À magnífica reitora do Unitpac

Carla Cristina Madeira de Azevedo

À Suzana Salazar de Freitas Morais,

primeira apoiadora deste projeto;

À Maria Elisa Meirelles, que de imediato reconheceu o potencial de minha literatura, ao ler os primeiros dez contos, estabelecendo, assim, a parceria.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO **11**

Neide Luzia de Rezende

O BARCO PELO RIO **15**

ANA E OS FILHOS DA VILA **19**

A GATA QUE CAIU DO CÉU **25**

A PONTE **33**

ÁLBUM DE FOTOGRAFIA **39**

A GRANDE CHEIA **45**

NO TEMPO DA GRANDE CRISE **49**

QUANDO OS PEIXES FALAM **55**

MUITO ESCURINHO **63**

SILÊNCIO **67**

VOCÊ ME QUERIA **73**

NA ÉPOCA DO GRANDE GARIMPO **77**

DOUTORA ANA **83**

-
- *ANA E OS FILHOS DA VILA* (p. 19) teve sua primeira versão publicada na *Revista Desassossego*, n. 19, p. 203-6, jun. 2018.
 - *A PONTE* (p. 33) teve sua primeira versão classificada em 4º lugar no Concurso Bolsa de Publicações de Contos e Poesias Professor, Escritor e Jornalista Jauro José Studart Gurgel – 2020, da Prefeitura Municipal de Araguaína, em parceria com a Academia Araguaíense de Letras.
 - *ÁLBUM DE FOTOGRAFIA* (p. 39) teve sua primeira versão publicada na revista *Desassossego*, v. 12, n. 23, p. 205-8, jul./dez. 2020.

APRESENTAÇÃO

Os contos de *À beira do Araguaia* podem ser lidos independentes um do outro, como é próprio do gênero, mas também podem ser lidos como uma narrativa única. Colocados juntos no livro, o leitor vai construindo uma expectativa quanto ao transcorrer dos eventos da vida do casal Ana e Pedro, personagens em torno dos quais giram todas as narrativas. Tais eventos se sucedem ao longo do tempo – ainda que não cronologicamente, devido à disposição dos contos no livro, que os antecipa ou adianta –, o que predispõe a uma outra e prazerosa dimensão da leitura, forjada por esse subterrâneo enredo de romance, ou seja, o leitor se mantém na expectativa do que virá acontecer na vida dessas personagens.

Embora algumas narrativas situem momentos históricos precisos, como a pandemia que explode no mundo em 2020 e se imiscui no sertão, em “A grande crise”, afetando a vida das personagens naquela parte recôndita do Brasil, ou a exploração do ouro nos garimpos clandestinos, que destrói a floresta e vilipendia os homens, a força de *À beira do Araguaia* se encontra na capacidade de, como toda boa literatura, fazer refletir sobre a realidade e não apenas descrevê-la ou retratá-la.

Isso é importante frisar porque os contos de Francisco estão profundamente enraizados no sertão da região fronteiriça entre os estados do Pará e do Tocantins, no vale das serras, em meio à

mata ciliar e nas margens do Rio Araguaia, levando o leitor a um mergulho na ambiência e nas atividades produtivas da região. Não se trata de uma idealização naturalista do homem em seu ambiente, mas de uma composição extremamente poética, a partir de um trabalho com a linguagem que torna esse livro de pequeno tamanho uma obra de grande qualidade literária.

A total ausência de pontuação da frase, em que apenas a inicial maiúscula indica seu início e antes dela seu fim, organização sintática que lembra o estilo de dois grandes escritores portugueses, José Saramago e Valter Hugo Mãe, revela por parte de Francisco um trabalho muito cuidadoso com a linguagem, que requer também leitura atenta e vagarosa. Muitas vezes é preciso voltar ao início da frase para compreendê-la e é com surpresa que nesse retorno tudo pareça agora bem colocado, compreensível e com pleno significado. Ao mesmo tempo, trata-se de exercício lúdico e estético por parte do leitor.

Embora a história se desenrole coerentemente em cada conto, a sintaxe inusitada e o léxico formam um campo semântico que remete à vida natural da região com abertura para uma prazerosa dimensão sensorial: fruímos a natureza – a mata, os ventos, a lua, o rio – que se funde aos objetos construídos pelo homem – a casa, a varanda, os móveis, a decoração, a culinária... elementos que parecem constituir em harmonia um todo orgânico.

Nesse espaço de grandiosidade da natureza, a cultura letrada está presente nas leituras de Ana – que lê Hilda Hilst, Cecília Meireles, Florbela Es-

panca etc. – e explícita nas referências do narrador (Garcia Márquez, Clarice Lispector). Personagens que se encontram irmanadas com o sertão – como Ana e Seu Romão – são formados, ou permeados, por uma cultura que não é sertaneja ou regional, mas que não está em conflito com a cultura local ou popular, ao contrário. Os poemas e as narrativas literárias que Ana lê levam-na a se ouvir e a observar melhor as profundezas da floresta. Seus devaneios noturnos na varanda, lendo e tomando chocolate quente, tem momentos fabulosos, como quando vislumbra a cobra grande no caudaloso Araguaia, em “A grande cheia”. Seu Romão, com seu exímio conhecimento de carpintaria é capaz de enfeitar a mata numa decoração requintada (“Álbum de fotografia”), do mesmo modo a culinária tem um quê de *chef de cuisine* – tudo feito com material orgânico e sábia expertise.

Mas o que vem de fora nem sempre é benéfico como a literatura, pode destruir e matar, como a ambição desmedida que aniquilou Pedro, o marido amoroso e sensível de Ana. Não só o garimpo, também a pesca predatória, que, junto com as intempéries naturais, levaram momentos de tristeza e desolação, também os artefatos orgânicos de Seu Romão sucumbem diante do afã comercial e capitalista do próprio artista.

De sua varanda, no Pará, Ana vê o Tocantins do outro lado do rio Araguaia. Os contos de Francisco Neto Pereira Pinto nos fazem penetrar nessas profundezas.

Neide Luzia de Rezende